

LIVROS

A história do ambiente de trabalho até Robert Propst

O inventor do cubículo imaginou um espaço que acabou perdendo suas funcionalidades. Por **Olga de Mello**, para o Valor, do Rio

"Cubículos - A História Secreta do Local de Trabalho"
Nikil Saval. Tradução: Angela Lobo de Andrade. 367 págs., R\$ 49,50 (Rocco)

Claustrófico, opressor, entediante, elitista, padronizador, um ambiente propício à sedução, à ascensão profissional. Esses são alguns dos adjetivos e expressões usadas pelo jornalista americano Nikil Saval em "Cubículos" para descrever o principal cenário de trabalho do Ocidente, os escritórios, no formato que conheceu seu ápice na segunda metade do século XX. Traçando um panorama desde a Revolução Industrial até a atualidade, Saval apresenta um fascinante estudo sobre o local que determinou o estilo de vida moderno, moldando, inclusive, a paisagem urbana contemporânea.

Apesar do título abrangente, o autor restringe seu olhar à vida americana, com menções ao surgimento dos escritórios na Itália renascentista e aos registros do político inglês Samuel Pepys em seu diário, na Inglaterra do século XVII, sobre os escritórios da época. Foi nos EUA que o escritório determinou novas relações sociais e profissionais, redesenhando a ocupação dos bairros e a arquitetura das cidades.

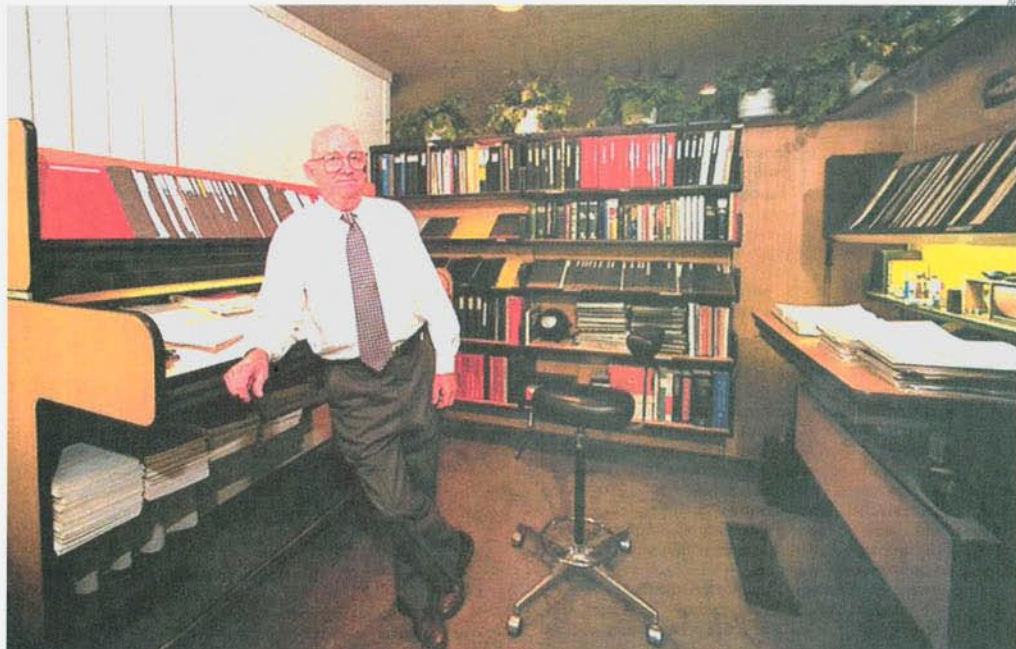
Com numerosas referências literárias e cinematográficas que tratam de aspectos existenciais no ambiente de trabalho, Saval se detém, em uma passagem do livro, sobre a novela "Bartleby, o Escrivão - Uma História de Wall Street", publicada em 1853 por Herman Melville, intrigante narrativa sobre um personagem que se instala dia e noite — literalmente — num escritório de direito imobiliário. Sem interesse por qualquer aspecto exterior ao trabalho, Bartleby é um dos muitos que trocam atividades ao ar livre pelo confinamento em cômodos acanhados, com pequenas janelas de onde se veem apenas pare-

des dos edifícios vizinhos. A novela é a primeira percepção artística do aprisionamento que a atividade burocrática virá a significar no século seguinte, quando a industrialização enterra a autossuficiência dos pequenos empreendedores, reduzindo o contingente de trabalhadores braçais.

No mundo real, o escritório exige a construção acelerada de arranha-céus em Nova York e Chicago, na virada do século XX. Arquitetos e designers empenham-se em quebrar a monotonia visual, criando espaços amplos e iluminados, com a abertura de claraboias para a entrada de luz natural. Edifícios suntuosos têm salas imensas, com mesas divididas entre subordinados e supervisores. Pelas fotografias da virada do século XIX para XX, aparentemente, eram ambientes de alta concentração, seriedade e silêncio, observa Saval. Nada poderia distrair os contadores, escriturários, estenógrafas e datilógrafas aglomerados em salões austeros.

O prestígio do escritório cresce na proporção em que aumenta a remuneração de seus ocupantes. Em 1928, "A Turba", filme de King Vidor, critica a massificação e a passividade das multidões dos já chamados "colarinhos-brancos". Segundo Saval, a atitude introspectiva e voltada para si dos trabalhadores seria influenciada pelo entusiasmo do patronato com as experiências para melhorar a eficiência e reduzir custos de produção, inspiradas nos preceitos do engenheiro Frederick Taylor. Os adeptos do Taylorismo propõem a sistematização dos movimentos em qualquer atividade, buscando aprimorar até a velocidade no ato de carimbar envelopes.

Ao abordar os primórdios do universo corporativo, Saval levanta dados que explicam a cultura individualista e a crença na meritocracia como forma de as-



Robert Propst no escritório: sua ideia de "action office" foi passando por deturpações que deixariam para trás a ideia original de estimular movimentos ergonômicos

ensão social — exceto para as mulheres, então relegadas a funções de apoio. A sensação de estar sob constante observação impede a mobilização dos colarinhos-brancos, que permanecem isolados dos outros trabalhadores. Nos anos 1950, alguns conglomerados se apresentam como uma extensão da família dos funcionários.

Ironicamente, quem tenta desenvolver a humanidade ao ambiente do escritório é o autor do projeto que acabou originando os pequenos cubículos reservados a boa parte dos colarinhos-brancos. O designer Robert Propst (1921-2000) pretendia garantir privacidade e autonomia ao funcionário, mas sem prejuízo para a visão externa e a comunicação. Ao mesmo tempo, haveria facilidade para redistribuições do espaço total. Na década de 1960, ele cria o "action office", uma estação de trabalho com três divisórias móveis, que poderiam ser rearranjadas ao gosto do usuário. Seria um mobiliário todo voltado para o estímulo à movimentação ergonômica de quem o utilizasse. No entanto, a estrutura é adaptada pelas empresas; os cubículos ficam cada vez mais diminutos, enquanto as gavetas se tornam bastante rasas, para evitar que se "esconda o trabalho". Também desaparecem, aos poucos, os quadros de avisos onde bilhetes e fotografias personalizariam o ambiente, conforme Prost imaginara em seu projeto.

As "baías" também não trazem privacidade ao empregado, nem inibem a constante vigilância dos gerentes sobre seus subordinados. O controle só vai se afrouxar no fim do século XX, quando as empresas de tec-

Um espaço de estímulo ao movimento

Em 1964, a [fabricante de móveis] Herman Miller divulgou os resultados práticos das pesquisas de Robert Propst. Era o "action office", um escritório voltado para a ação, diferente de tudo que já se viu. Trechos do livro:

■ Vemos [Robert] Propst desenvolvendo os rudimentos do que viria a ser chamado de "ergonomia". O que desde então se tornou um discurso banal sobre apoio para a coluna lombar teve início com pessoas como Propst procurando entender a relação entre o ser humano e o ambiente. (Pág. 211)

■ O "action office" visava ao movimento. De acordo com o pensamento ergonômico que Propst adotara havia anos, o movimento do corpo auxiliava e correspondia ao incessante movimento inventivo da mente do colarinho branco. Anúncios do sistema mostram funcionários em constante movimento; as imagens de figuras humanas aparecem fora de foco, como se o fotógrafo nem conseguisse captar sua velocidade. (Pág. 227)

■ No fim de 1967, Propst tinha conseguido melhorias significativas. O espaço era menor, as divisórias eram interligadas, móveis e mais leves, feitas de materiais descartáveis, as prateleiras e os armários suspensos ficavam bem acima do chão. O "action office 2" foi a tentativa de Propst de dar forma ao desejo do funcionário. A "estação de trabalho" para o "operador humano" consistia em três paredes móveis formando ângulos obtusos, que o funcionário podia rearranjar para criar o espaço de trabalho como quisesse. A habitual escriturinha era acompanhada por prateleiras em alturas e disposições variáveis, o que exigia movimento vertical constante por parte do funcionário — porque o "homem", como dizia Propst, é uma "máquina orientada verticalmente". Paredes revestidas e quadros de aviso com perceives e alfinetes permitiam individualização. Intencionalmente despersonalizado, o novo "action office" seria uma matriz para o indivíduo criar seu espaço ideal de trabalho. (Pág. 235)

■ O "action office" não fez incursões nas placas de assoalho estreitas, firmemente ligadas, dos prédios de escritório na Europa. Em vez de menos inovadores por causa disso, os escritórios europeus se tornaram mais usados. O prédio de escritórios da Centraal Beheer, na Holanda, projetado por Herman Hertzberger e inaugurado em 1972, foi um marco dessa tendência. Hertzberger queria manter os escritórios relativamente abertos, mas sem comprometer a capacidade dos indivíduos de ter seu próprio espaço e de organizar seu espaço da forma que quisessem. (...) Áreas de escritórios abertos para cerca de dez pessoas eram conectadas por passagens e espaços comuns. Os funcionários podiam trazer vasos de plantas e outros objetos de decoração para personalizar seus espaços. Na verdade, eram como o "action office 2", a não ser pelo fato de que esses espaços eram de concreto e possuíam uma aura de permanência. (Pág. 244)



O espaço de trabalho tornou-se um lugar de estrutura rígida e incomunicação

nologia de informação do Vale do Silício reproduzem, arquitetônica e socialmente, o descontraído ambiente universitário típico da Califórnia.

As "startups" subvertem a austeridade do ambiente corporativo — o tênis substituem sapatos, a informalidade no vestir rejeita paletós e gravatas. Uma de-

sarramação adolescente domina os escritórios, que recebem mensagens de pingue-pongue e totô e até permitem a presença de cães dos programadores e analistas, que já não têm horários nem locais fixos para trabalhar. A internet também flexibiliza as relações entre patrões e empregados, que já não precisam de um local fixo para suas atividades, nem de contratos. Com a crise econômica, os autônomos "freelancers" correspondem a entre 25% e 30% da força de trabalho americana, diz Saval, que não faz apostas sobre o futuro do escritório. "A trajetória da carreira que definiu o colarinho-branco durante gerações está chegando ao fim (...) e uma nova modalidade de trabalho, ainda indefinida, está tomando seu lugar", conclui.